



Angulações reflexivas sobre um “não saber metodológico”¹

Pedro Russi-Duarte²
Universidade de Brasília (UnB)

Resumo: Este texto quer resgatar pontos de discussão construídos pela dinâmica da pesquisa atualmente em desenvolvimento³, para pensar o saber metodológico como formação de um panorama que permita avançar nos conhecimentos necessários para a fundamentação do campo. Quero apontar principalmente para o problema diante da qual venho me deparando como docente, em encontros da área e atualmente na investigação, e que poderia ser chamado de “saber não metodológico”. Ele atua como pano de fundo (cegueira involuntária) nas instâncias de pensar-fazer a pesquisa em comunicação. A minha inquietação é poder discutir e começar a problematizar para pensar, principalmente, no egresso/ingresso dos estudantes da graduação e pós-graduação neste domínio de estudo. Pensar também o cenário disciplinar desse saber construído. Portanto, o texto busca ser um exercício epistemológico e metodológico.

Palavras chaves: Metodologia; Epistemologia; Métodos; Pesquisa em Comunicação.

Angulações introdutórias

“...nos tornamos sujeitos pelos modos de investigação...”

(Foucault)

Neste texto recupero determinadas preocupações respeito aos processos do conhecimento científico, as fundamentações do saber metodológico que vêm sendo discutidos na pesquisa atualmente em desenvolvimento. Pretende-se levantar alguns pressupostos básicos, viés epistemológico, que permitam entender as características (critérios, princípios, idéias) do trabalho científico da pesquisa em comunicação entendido intimamente com o saber metodológico. Isso vai permitir entender e situar os princípios lógicos da metodologia da ciência, parafraseando Popper. Portanto, exigem-se do leitor deste texto a cumplicidade e colaboração dos jogadores de xadrez, para entender aqueles que são internos e especificamente relacionados ao conhecimento científico (os fundamentos lógicos, o método, as

¹ Trabalho apresentado ao NP – Teorias da Comunicação, do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) – 2007.

² Professor na Faculdade de Comunicação (FAC) e programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação na Universidade de Brasília (UnB) da disciplina “Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação” (PESCOM) e integrante da linha de pesquisa no PPG: “Teorias e Tecnologias da Comunicação”. Título da pesquisa em andamento: “Metodologia da Comunicação: O problema de ensino de metodologia de pesquisa em comunicação” – E-mail: pedrorussi@unb.br / pedrorussi@gmail.com

³ No âmbito do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UnB. Na pesquisa trata-se de investigar qual o saber metodológico é efetivamente mobilizado no ensino de metodologia da pesquisa em Comunicação nos cursos de graduação em comunicação social no Brasil (já iniciamos um mapa coletado os dados iniciais em 178 instituições em todos os Estados). O ponto de partida é a análise dos programas de disciplina comumente nomeada como “metodologia”, “métodos e técnicas de pesquisa”, “métodos de pesquisa” e posteriormente chegar a um corpus de obras representativas do saber metodológico reconhecido como base e conteúdo para a pesquisa em comunicação, no cenário institucional e disciplinar para realizar uma análise crítica do saber construído. A pesquisa conta com o apoio da UnB; e conta com a contribuição de três pesquisadoras de iniciação científica: Ligia Borges; Marcela Heitor de Andrade; Bárbara Cardoso Ferreira.



classificações o objeto); pois de alguma forma temos que começar a fazer frente à situação crítica do cenário do saber metodológico.

A principal linha de pensamento das observações e leituras que vou apresentar não querem ser (nem são) hipóteses, muito pelo contrário, trata-se de operadores de associações que podem ser estabelecidos através da observação criativa e cotidiana de regularidades no fenômeno a ser discutido como fundamentos para reflexão. Vale destacar que as espontaneidades resgatadas pela observação não exibem menos regularidade do que um memorando impessoal dentro de instâncias burocráticas, daí que se tornam importantes, como fontes iniciais, os empreendimentos comuns diante dos quais nos deparamos e participamos. No meu caso, na cena científica acadêmica (será abordado mais na frente)

O intuito deste texto tem base na provocação de Popper⁴ para quem uma das tarefas principais da crítica científica deve ser a de expor as confusões de valores e separar as questões puramente científicas das extracientíficas. Isto é, a liberdade e exigência da vigilância epistemológica.

Nesse sentido, uma aplicação matemática das observações não pode garantir o rigor reflexivo à situação, como sim pode a dinâmica de abdução. Esta perspectiva é inspirada na proposta de Peirce, e refere a uma forma de raciocínio que nasce da observação de algum fenômeno que surpreende, de experiências que frustram, de alguma forma, expectativas. Ato criativo de levantar conjeturas para pensar sobre um fato e de possíveis respostas para entendê-lo. Dinâmica que não deixa de ser e ter uma forma lógica; é instintivo e principalmente um processo vivo⁵.

Os pontos para reflexão não se sustentam no espontâneo, excepcional ou pitoresco de uma situação, e sim pelo ordinário e freqüente por meio de anotações (textos publicados por mim em outros eventos, revistas) e registros que permitem entender a relação entre os fatos recuperados. Diferenciando-os de outros processos não menos importantes para a dinâmica da pesquisa em comunicação, porém que não são inseridos neste trabalho por uma questão de escolhas⁶. Não posso falar de representatividade, mas sim de processos e dados significativos, porque através da observação consciente posso sistematizar e entender o comum e o ordinário.

Acompanho o que diz Weber,

⁴ POPPER, K.R. – A lógica das ciências sociais. In: **Em busca de um mundo melhor**. SP: Martins Fontes, 2006. p.92-115. [p.106]

⁵ *Apud* SANTAELLA, L. – **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2001. p.112.

⁶ Por exemplo, refiro-me a: o não conhecimento-estudo de técnicas de investigação, não estudo da hipótese, mistura entre: “juízo de valor”, “neutralidade” e “neutralidade axiológica”, confusão entre: “homem volitivo” e “homem pensante” (WEBER), religião-ciência.



de qualquer forma, as idéias nos surgem quando não as esperamos e não quando, sentados a nossa mesa de trabalho, cansamos o cérebro a procurá-las. Entretanto, é positivo que elas não nos ocorreriam se, anteriormente, não houvéssemos refletido longamente em nossa mesa de estudos e não houvéssemos, com devoção entusiasmada, buscado uma resposta.⁷

É nessa dinâmica que sustento a possibilidade de levantar os questionamentos para pensar sobre o saber metodológico, visando iniciar um processo de inquietações relacionadas ao princípio de que a pesquisa é um trabalho consciente dos métodos científicos para progressão do próprio pensamento científico. Aquele raciocínio (abdução) permite entender que os pontos propulsores da reflexão configuram uma base primária, no contexto da pesquisa proposta, para entender e elaborar um diagnóstico que permitirá adentrar-se no saber metodológico da pesquisa em comunicação e na da área dos processos de ensino.

Os problemas, especialmente os metodológicos são para mim uma provocação que se mantém através do tempo. Como estudante na graduação/pós-graduação e como professor inquieta-me os processos metodológicos entendidos como saber (processos epistemológicos) e não meramente como caminhos de operações técnicas. São várias as instâncias e atividades onde surgem tais questionamentos acentuados agora pela investigação em andamento⁸.

Agilmente vou recuperar os tópicos motivadores desta reflexão, encontrados nas instâncias vivenciadas no ensino e cenários da graduação e pós-graduação. Busco levantar provocações sobre o saber metodológico que permitam inscrevê-lo na pauta e retomá-lo como um dos processos essenciais na construção da comunicação como campo, por meio da pesquisa científica. Entendê-lo na dinâmica e articulação com o saber comunicacional, portanto, com os processos epistemológicos. Articulando também, ao problema básico que vem sendo discutido por pesquisadores da área, o problema do objeto de estudo da comunicação, assim como a configuração do campo-ciência.

Nesse sentido, temos (como professores e pesquisadores) que acrescentar ao conflito da configuração do campo, o do saber metodológico, porque se faz necessário para entender a área como ciência e não como um adendo a outras ciências (mais na frente, referir-me-ei sobre esse ponto). Cabe

⁷ WEBER, M. – A ciência como vocação. In: **Ciência e política. Duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2002. p.34.

⁸ Atualmente como professor da disciplina Pesquisa em Comunicação na Graduação e Pós-graduação na Universidade de Brasília (UnB). Anteriormente, nas disciplinas de Teoria da Comunicação, Metodologia de Pesquisa; Coordenador do Núcleo de Estudos em Comunicação (Necom) no Instituto Superior e Centro Educacional e Bom Jesus/IELUSC, Santa Catarina. Como integrante do grupo de Pesquisa “Mídia e Multiculturalismo” do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação na UNISINOS. Também participação nos diferentes congressos, seminários, encontros de comunicação (COMPÓS, INTERCOM, ALAIC). Processos ancorados desde 2000.



assinalar que há notadas diferenças entre a interdependência das ciências-disciplinas por um lado, e ser adendo, por outro. Compreendo, com Peirce⁹, a interdependência como as relações que uma ciência qualquer mantém com outras. Significa que, nessas relações, é preciso entender o quanto uma ciência pode contribuir para o conhecimento, quais as ciências que vão fornecer princípios às outras, e quais as que fornecem sugestões e dados a quais outras.

Discute-se muito que a comunicação é um campo em desenvolvimento, porém, neste trabalho, quero fortalecer e trazer à superfície a necessidade de entender a interação do saber metodológico no desenho do campo científico. Tais preocupações não são imediatas à pesquisa em andamento, senão motivadoras da mesma e ancoram-se nas vivências das diferentes situações que venho articulando na área.

Vou tomar como ponto inicial a chegada dos estudantes principalmente na pós-graduação e graduação na disciplina de metodologia¹⁰. Nesse ambiente, pode-se falar de ausência de noções básicas e falta de clareza no que tange principalmente a: o campo da comunicação, os projetos de pesquisa, a pesquisa em si – método, objeto de pesquisa, problema de pesquisa, técnicas, instrumentos, desenho metodológico, misto entre: técnica, método e metodológico. Também se denota a confusão feita pela opinião vulgar na dicotomia da pesquisa como de tipo fácil/difícil, simples/complicado, possível/impossível e assim por diante. Como diagnóstico rápido, percebe-se que há um “estado da alma” atomista e fragmentado porque as noções parecem não dialogar entre si – ignoram umas às outras permanecendo isoladas. Vejam-se os problemas essenciais do epistemológico e metodológico na comunicação.

Na medida em que o indivíduo ascende na carreira acadêmica e se depara com situações de pesquisa (especificamente nos cursos *stricto sensu*), ele deve aumentar as possibilidades de articular metodologicamente a investigação, e criatividade para a mesma. Ao problematizar a situação rapidamente mencionada quer-se também contribuir no campo e área da pesquisa na graduação, considerando-a como lugar de início (com reflexos intensos no *final*¹¹) da formação do pesquisador.

Como docente na experiência didática venho deparando-me com diferentes situações complexas à hora de pensar em pesquisa; por exemplo, metodologia e técnica são mesma coisa, pesquisa

⁹ SANTAELLA, L. – **A assinatura das coisas. Peirce e a literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.26.

¹⁰ No caso da Graduação, a disciplina está, segundo os primeiros mapeamentos do fluxo curricular, a partir do 4to. semestre letivo.

¹¹ Refiro-me basicamente ao mestrado, doutorado como pontos de “conclusão” de uma educação formal institucional, e como quesito especial para exercer a docência no âmbito universitário.



mercadológica identifica-se com pesquisa científica, não há diferença entre fazer política e fazer pesquisa ou saber as normas da ABNT¹². Atitude natural e espontânea que entende o “mundo em si como objeto de pesquisa”, desconhecendo o processo metodológico de construção como movimento pertinente para provocar a ruptura com tal atitude. Parece haver aflito para entender a importância da escolha epistêmica no metodológico, instância básica para diferenciar o objeto comum (olhado) do objeto científico (construído) e pensar a prática científica além de uma seqüência de operações de protocolos sinalizados, estandardizados e automáticos em operações. Situar a pesquisa científica em um campo epistêmico é entender a objetividade científica (processo de objetivação) para não negligenciar a pesquisa em proveito de manipulações técnicas, extracientíficas ou intuitos pragmáticos e, nalguns casos, até terapêuticos.

É o lugar que os “manuais” vêm assumindo nos processos de pesquisa como “epistemológicos” e/ou “metodológicos”. De que forma começar a romper essa arquitetura que engessa ao invés de originar mobilidade e novos desenhos na pesquisa científica? Entendo que a resposta pode começar, no meu caso, pela investigação em desenvolvimento dentro da linha do programa de Pós-graduação (Teorias e Tecnologias da Comunicação); ela pode ser um ponto de início e apoio para tal desafio (empreitada). Uma outra plataforma de resposta pode ser a oportunidade de discutir este texto e outros relacionados, no cenário de um NP¹³ especializado na temática, como uma forma estratégica de pensar o campo. Estas são proposições das quais poderiam ser derivados diferentes corolários; porém, de uma forma ou outra representam uma urgente necessidade na área.

Do lugar de professores, pesquisadores e estudantes avançados, como nos ocupamos e preocupamos pelo saber metodológico? Como se desenha um campo no qual escasseiam (ou são praticamente nulas) as pesquisas sobre o tema em questão? O que entendemos como ciência e método no campo da comunicação, para entender o metodológico na pesquisa em comunicação? Como provocar, por exemplo, aos estudantes, para realizar trabalhos nessa área?, buscando problematizar a prática científica como sistema de escolhas e decisões conscientes, como critérios relacionados à pesquisa e objetivos da investigação. Como entender esses critérios com relação às estratégias que sustentam a pesquisa para afastar-se da percepção artificial e ingênua?

¹² Associação Brasileira de Normas Técnicas.

¹³ Núcleo de Pesquisa – Teorias da Comunicação.



Esse tipo de movimentos, das angulações iniciais, permitirá entender-mostrar como o método científico não só se aplica, senão que se elabora e é parte do campo da comunicação (apresentando às vezes um caráter que nos obriga a recusá-lo, conforme Weber). Isto é, entender as pesquisas como configuradoras do fundamento da ciência. Então, se “a ciência é uma acumulação de conhecimentos sistematizados”¹⁴, o que estamos fazendo para que isso aconteça? Entretanto, deve-se entender que “não importa quão sistemático possa ser qualquer corpo de conhecimento, não é ciência se começa com axiomas ou proposições ‘auto-evidentes’, e termina com deduções derivadas desses axiomas”¹⁵.

É importante entender, também, conforme Peirce, que a “ciência não se confunde com o conhecimento acumulado (este é apenas a resina ou excremento da ciência), mas é aquilo que os cientistas vivos fazem. É, portanto, um modo peculiar de ação e de conduta”¹⁶. Nesse sentido, a ciência não é resultado de revelações, nem da graça de um profeta ou de um visionário que a houvesse recebido para assegurar o conhecimento; recorrendo à máxima de Santo Agostino (*Credo non quod, sed quia absurdum est* ¹⁷), tal proeza será o “sacrifício do intelecto”¹⁸ por conseguinte a anulação do pesquisador.

Angulações conceituais

A área de Comunicação no Brasil, que vem se constituindo a partir dos anos 60, teve um impulso decisivo com a consolidação da pós-graduação nos anos 90¹⁹. Esta nova fase demandou um aumento no interesse e na demanda dos saberes teórico e metodológico. Particularmente penso com outros pesquisadores, que este último aspecto tem sido relativamente pouco explorado.

O interesse aqui não é realizar enumerações específicas, já que o eixo da análise está aprofundado no saber metodológico dos critérios de seleção e pertinência empregados na seleção e apresentação das pesquisas em comunicação. Procuo entender assim o capital metodológico, como aquelas proposições que configuram a formação dos estudantes e pesquisadores da área desenhando a plataforma metódica e metodológica do estudante (pesquisador).

¹⁴ GOODE, W. J. e HATT, P. K. – **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Ed. Nacional, 1989. p.11.

¹⁵ GOODE, W. J. e HATT, P. K. – **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Ed. Nacional, 1989. p.11.

¹⁶ SANTAELLA, L. – **A assinatura das coisas. Peirce e a literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.28.

¹⁷ Acredito porque é absurdo.

¹⁸ WEBER, M. – A ciência como vocação. In: **Ciência e política. Duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2002. p.56.

¹⁹ A final da década eram 20 os Programas de Pós-graduação no Brasil. No ano 2007 aproximam-se a 30.



Por isso, o problema é discutir o que se entende por saber metodológico, em outras palavras, trata-se de discutir o *capital metodológico* que atua como pano de fundo, e que vem sendo mobilizado nos cursos de graduação e de pós-graduação para pesquisar os fenômenos comunicacionais. Isto é, busca-se colocar em jogo a operação reflexiva sobre aquilo que é pretendido e entendido como “métodos e metodologias da pesquisa em comunicação”, determinando de certa forma o campo da comunicação. Um dos primeiros desafios (como professores, pesquisadores – já que estamos em um núcleo que prevê essa ancoragem) é questionar-nos sobre os saberes propostos como metodologia de pesquisa diretamente ligados ao “*como fazer*” da prática de pesquisa. Neste sentido, situamo-nos no plano epistemológico ao pensar sobre os recursos metodológicos e não sobre os fenômenos comunicacionais.

É necessário, portanto, avançar na discussão para começar a esclarecer nesse mundo das relações teórico-metodológicas, a visão do lugar-comum que confunde mais do que elucida. A leitura vulgar sobre a teoria científica, a considera como uma soma de fatos acumulados, definitivos, certos, inquestionáveis e de significado auto-evidente²⁰. Fatores convergentes à discussão de ensino do plano epistemológico ao pensar o saber metodológico como um sistema de relações e dinâmicas de processos de objetivação através de estruturações, escolhas e recortes que permitem a imersão em inquietações de diversas ordens da pesquisa em comunicação.

Ao dizer de Da Matta²¹, exigir-se-iam articulações para transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. E, diante dessa provocação, vale pensar nas inquietações²² explícitas e implícitas relacionadas à mínima concentração e raridade no que diz respeito aos projetos e pesquisas em comunicação que abraçam a problemática teórica e metodológica – epistemológica. E, ainda, de como isso afeta diretamente na formação de pesquisa dos estudantes que chegam aos programas de pós-graduação seja mestrado ou doutorado.

Por isso, devem-se problematizar as estruturas onde o teórico e metodológico são apresentados como ações postíças, onde o teórico é apresentado como “simples” retórica e o metodológico reduzido a aplicações ferramentais. Questionamentos que vão exigindo reflexões, a práxis científica, para sair do jogo de enunciados lingüísticos e especulativos, já que os conceitos têm que estimular a produção de

²⁰ GOODE, W. J. e HATT, P. K. – **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Ed. Nacional, 1989. p.11-18.

²¹ DA MATTA, Roberto. **Relativizando**. Uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

²² Além da experiência mencionada, há leituras de textos e pesquisas que levantam essa preocupação. Cf. MARTINO, L.C.; LOPES, M.I.; DEMO, P; citando alguns.



saberes. As dimensões teórico-metodológicas, como sistemáticas, procuram entender as modificações e evolução do processo que as compreende na pesquisa científica.

Em virtude disso, as dinâmicas reflexivas sustentam metodologicamente as decisões que foram e vão ser tomadas. Porque o que se estuda (análises e exposição) é sempre uma realidade em movimento, mutável, misteriosa, duvidosa e transformável, e principalmente entendendo que “nunca é ao começo quando algo novo revela sua essência, senão que, o que havia desde o começo só pode revelar-se em um giro da sua evolução”²³.

Dentro do cenário aqui proposto como reflexão, sugiro um rápido exercício de análise (além disso, estamos no contexto certo para o exercício apresentado); vamos lembrar os temas da Intercom²⁴ do século XXI para compreender as matrizes que desenham o campo do saber comunicacional e, portanto, plataforma para a pesquisa em comunicação em outras instâncias acadêmicas.

2000 - “Comunicação e multiculturalismo”; **2001** - "A mídia impressa e os desafios das novas tecnologias"; **2002** - "Comunicação para a Cidadania"; **2003** - “Mídia, ética e sociedade”; **2004** - "Comunicação, acontecimento e memória"; **2005** - "Ensino e Pesquisa em Comunicação"; **2006** - "Estado e Comunicação"; **2007** - "Mercado e Comunicação na Sociedade Digital"; **2008** - os possíveis temas (em votação): Arte-Comunicação; Comunicação e Meio-Ambiente; Comunicação e Sociedade Civil; Comunicação e Violência; Web 2.

Veja-se que só em 2005 aparece "Ensino e Pesquisa em Comunicação", porém antes e depois desse ano há uma idéia de multidisciplinaridade que diz tudo e nada. Dessa forma, a comunicação está como adendo-anexo de "outra coisa", no enquadramento comunicacional-holístico. Os temas propostos para 2008 são muito significativos do "todo-nada", confundindo problemática (que é multidisciplinar) com problema (que é disciplinar) de pesquisa, e não entendendo que uma coisa é o objeto comum (o fato do mundo em si) que é interdisciplinar, e outra, o objeto de pesquisa estudado disciplinarmente pela comunicação. Notar criticamente esses pontos permite começar a discutir o epistemológico e, por conseguinte, o metodológico da pesquisa em comunicação.

Continuando e avançando na reflexão sobre o saber metodológico em comunicação é necessário que o lúdico seja explicitado. É preciso entender – segundo o exemplo – que a comunicação é proposta como uma máscara que serve para esconder outros objetos alheios ao campo em si (políticos,

²³ NIETZSCHE *apud*. FABRI, Paolo. **O giro semiótico**. Espanha: Gedisa, 1998.

²⁴ E-mail encaminhado aos sócios da INTERCOM: “Comunicado 07/2007 Votação Tema Congresso 2008 - Os sócios da INTERCOM estão convidados a participar da escolha do tema central dos congressos de 2008. A primeira etapa da sondagem feita junto aos associados culminou com a indicação de 5 temas, abaixo listados (temas citados)” [Enviado por: intercom@usp.br Para: intercom@usp.br / data: 14/05/2007 15:38 / assunto: Comunicado 07/2007 - Votação Tema Congresso 2008].



administrativos, burocráticos...), como ilusão de autêntico. O pesquisador mexicano Fuentes Navarro, citando Peters, apresenta alguns operadores como possíveis esclarecedores dessa situação de lugares comuns,

es porque “comunicación” ha llegado a ser propiedad de políticos y burócratas, tecnólogos y terapeutas, todos ansiosos por demostrar su actitud como buenos comunicadores (...) Aquellos que buscan hacer teóricamente preciso el término para el estudio académico han terminado a veces sólo formalizando el miasma a partir de la cultura más en general.²⁵

Note-se um liberalismo intelectual, ato eclético onde as idéias são iguais a todo – a escolha do que parece melhor. Distingue-se tal mistura, não produtiva, nos temas da INTERCOM. O não esclarecimento (obstáculos epistemológicos²⁶) atua como desajuste diante da situação de que cada ciência vai configurar o desenvolvimento de procedimentos metodológicos da/na maneira que lhe é própria e relevante para as aplicações de acordo com a área²⁷.

Se isso não está claro, por exemplo, no cenário macro e significativo do evento mencionado, é de esperar que tampouco o esteja na base – ensino do saber metodológico. Vejam-se os temas pré-selecionados para 2008. Parafraseando Peirce ergue-se uma intranqüilidade, cada ciência se define pelo tipo de conhecimento que desenvolve²⁸ – uma provocação imediata para pensar a pesquisa do campo comunicacional.

Nessa linha, venho refletindo sobre o cenário metodológico e objeto da comunicação, como articulação entre o epistemológico, metodológico e método científico. Do contrário, se constrói um *laissez faire* conceitual e metodológico da área.

A situação é importante porque tais confusões surgem nas dinâmicas de ensino e à medida que a comunicação (ciência) se desenvolve; erguem-se dificuldades conceituais uma após outra. Situação da qual surgem questões essenciais sobre o que se entende por saber metodológico? Qual o saber metodológico (bagagem) dos estudantes em comunicação? Como compreender, na base, as constituições dos obstáculos epistemológicos que bloqueia as idéias de pesquisa na área?

Chega a ser impressionante que o quinhão consagrado à ciência nas bibliografias dos trabalhos dedicados à epistemologia da Comunicação seja muito próximo de zero (não se trata aqui de um recurso teórico! Vejam-se as fontes bibliográficas

²⁵ PETERS *apud*. FUENTES NAVARRO, 2003. p.24.

²⁶ BACHELARD, G. – **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

²⁷ SANTAELLA, Lucia. – **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2001. p.128.

²⁸ *apud* SANTAELLA – **Comunicação e pesquisa**. p.129.



empregadas para discutir temas de epistemologia e de ciência). Em geral, é uma imagem leviana da ciência que é passada nessas discussões.²⁹

Com base em tais afirmações pode-se entender o pouco grau de precisão e rigor na chegada dos estudantes à pesquisa. É igualmente claro que “a despreocupação metodológica coincide com o baixo nível acadêmico, pois passa ao largo da discussão sobre modos de explicar, substituindo-a por expectativas ingênuas de evidências prévias. Nada favorece mais o surgimento do discípulo ‘copiador’ que a ignorância metodológica”³⁰.

Buscando essa reflexão, da articulação do teórico-metodológico como saberes, recupero a provocação realizada por Martino³¹ que destaca em um dos recortes – resultados iniciais e parciais – da pesquisa que está desenvolvendo sobre o saber comunicacional, a dispersão do conjunto de teorias da comunicação para a formação acadêmica. Foram analisados 9 livros e neles encontradas 72 teorias - como dados quantitativos aos quais se acrescentam os qualitativos com relação às nomenclaturas (modelo, teoria, paradigma, hipótese, escola). Complementando essa constatação, o pesquisador Otero³² no seu texto sobre o “estado da arte” nos estudos das teorias da comunicação resgata alguns dados significativos com relação à quantidade de teorias identificadas em diferentes livros por diferentes autores.

Craig reproduce los hallazgos de un trabajo que hace un análisis de contenido de 7 libros de textos de teoría de la comunicación, en los que se identifican 249 diferentes teorías, 195 de las cuales no figuran en más de uno de los siete textos. (...) Bryant y Miron presentan un estudio que revisa la presencia de teorías de la comunicación masiva en tres publicaciones estadounidenses, entre 1957 y 2000, analizando 45 números de cada una de ellas. (...) La revisión incluyó 1.806 artículos, de los que se separaron 576 dedicados a “mass communication”. El primer resultado es totalmente sorprendente es que en estos artículos figuran 1.393 referencias a 604 teorías, paradigmas y escuelas.

Torna-se importante assinalar a relação que venho apontando para fortalecer a problematização de uma condição que dificulta entender, conjuntamente com o saber comunicacional, o saber metodológico como sendo parte da configuração da ciência da comunicação. A não compreensão disso é nociva para a comunicação como pesquisa científica, agravando-se quanto mais inconscientes e

²⁹ MARTINO, L. C. – **As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação**. 2003. p.98.

³⁰ DEMO, P. – **Princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1990. p.24.

³¹ MARTINO, L.C. – **Teorias da Comunicação: O Estado da Arte no Universo de Língua Espanhola**. Texto apresentado no NP – Teorias da Comunicação; INTERCOM 2006 – Universidade de Brasília (UnB) – DF.

³² OTERO, Edison. B. – **El ‘estado del arte’ en teoría de la comunicación: un ejercicio khuniano**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.29, n.I, p.57-83, jan./jun. 2006. [p.61; 73]



ignorantes se apresentem as escolhas ou o que nelas há de subentendido. Tal estado não deixa entender que o método são as decisões estratégicas relacionadas às operações metódicas e técnicas da pesquisa e, metodologia a direção epistêmica das opções realizadas no método proposto.

Portanto, é por meio do método que os novos resultados são constantemente incorporados às produções acadêmicas das diversas ciências, articulando-se, ao mesmo tempo, com conhecimentos anteriores e sendo constantemente revistos, modificados com relação às investigações mais recentes. Continuando na linha de Nogueira³³, compreendo o método científico, fundamentalmente para as ciências em geral, da seguinte forma: (a) a formulação de questões e propostas de problemas; (b) executar observações; (c) registrar cuidadosamente, quanto possível, as observações realizadas com relação íntima às perguntas formuladas e problema proposto; (d) voltar-se e examinar cuidadosamente as conclusões, idéias anteriores com relação às observações e propostas resultantes.

Não entanto, por outro lado, cada fenômeno, cada objeto de estudo a ser pesquisado, com relação a sua própria natureza e pelas condições em que se apresenta e manifesta, determina uma adaptação do método de estudo em vista³⁴.

Processos que estão sob marcas-matrizes de cientificidade (regras, rigor científico) que permitem constituir a pesquisa como científica e constituinte de uma área específica. É nesse contexto que entram o saber metodológico e comunicacional como arquitetura, permitindo estabelecer os conhecimentos como científicos (por exemplo, veja-se a preocupação de Martino e Otero). Isso não está claro nas experiências que venho resgatando na pesquisa e relatando aqui no texto – daí as provocações deste trabalho.

Angulações “finais” para continuar pensando-discutindo

Necessitamos construir (ser criativos) métodos científicos, percursos e abordagens diferentes para cada novo objetivo, que se apresenta na escolha de cada caminho. O metodológico avança no conhecimento mediante o reconhecimento de operadores buscando compreender as condições da pesquisa e saber construído. Nessa linha venho propondo a pesquisa teórica procurando, ao sistematizar e explorar, aprofundar e compreender os conceitos, proposições, matrizes, idéias dos raciocínios configurados como propostas do *metodológico* no ensino da pesquisa em comunicação.

³³ NOGUEIRA, Oracy. *Pesquisa social. Introdução às suas técnicas*. SP: Nacional e USP, 1968. p.73.

³⁴ NOGUEIRA, O. *Pesquisa social. Introdução às suas técnicas*. SP: Nacional e USP, 1968. p.77.



Por conseguinte, recupero a idéia do espaço de ensino como ponto inicial e fundamental para pensar metodologicamente, especialmente os interessados em continuar a linha da pesquisa e do acadêmico – movimento básico e necessário. Lacunas que re-aparecem e se aprofundam nos estudos posteriores à graduação (mesmo dentro da própria graduação) e no transcurso de um semestre para outro. Instâncias iniciais de formação como sintomas nos cursos de pós-graduação. O campo da comunicação como área de conhecimento não é indistinta a esse processo, aliás, não pode ser separado dele.

Nas pesquisas as abordagens e procedimentos são escolhas, caminhos a seguir e opções que o pesquisador toma com base na arquitetura epistêmica dele próprio. Portanto, as escolhas não podem ser ao acaso, já que se sustentam na ação e processos articulados como operadores teóricos re-desenhando a *episteme* que lhe permite deslocamentos dinâmicos buscando percorrer os mapas através das decisões feitas. Isso porque,

a essencial relação entre *teoria* (noções, postulados, hipóteses, conceitos, proposições, argumentos e problemas teóricos) e construção de *métodos* continua atualmente muito pouco compreendida; na prática, estabelece-se uma falsa dicotomia entre *teoria* e *método* formulando problemáticas teóricas críticas, divorciadas do desenho metodológico definido para desenvolver a pesquisa.(...) integrando-as em uma *práxis* criativa de conhecimento, que precisa de uma perspectiva teórica na fase de construção dos métodos e de uma metodologia teórica para estruturar os pensamentos.³⁵

Nessa opção epistemológica, entende-se a realidade da pesquisa como construção na própria interação do sujeito porque “as interpretações são subjetivas, já que se a realidade não é objetiva, a interpretação é um ato essencialmente individual”³⁶. Entrecruzamentos nas práticas que re-criam formas de relação com o pesquisado, processos produtores de sentido que “concedem” uma determinada cultura de pesquisa.

O saber comunicacional pensa-se conjuntamente ao saber metodológico. Deste modo, começar a pensar sobre a metodologia, motiva uma dinâmica epistemológica para refletir sobre a comunicação como um campo não novo; contrariando à *doxologia*³⁷ que assim procura entendê-la. Isto é, uma posição reflexiva perpassando o sujeito ao pensar o saber comunicacional porque os planos

³⁵ MARTÍN-BARBERO *apud*. MALDONADO, E. – Percursos metodológicos de Jesús Martín-barbero. In: REVISTA FRONTEIRAS – Estudos midiáticos. Vol. III, Nº1 - junho; São Leopoldo: Unisinos, 2001. p.101.

³⁶ SEMPRINI, A. **Multiculturalismo**. p. 81.

³⁷ Segundo Leibniz (1646-1716), compreensão meramente superficial da realidade, já que se restringe a uma reprodução irreflexiva de sua aparência. [dicionário eletrônico HOUAISS]



metodológico e teórico da comunicação não caminham separados. Tal entendimento permitirá começar a pensar e discutir o desafio lançado: “de qual comunicação estamos falando?”³⁸. E também iniciar-se na discussão da “quase *ausência de explicitação da estratégia metodológica* que sustenta a investigação”³⁹.

É importante entender o teórico-metodológico como fornecedor dos princípios para compreender os fenômenos comunicacionais. É nesse cenário teórico – de sínteses – onde se ancora e constrói o problema gerador da pesquisa, porque

em todos os casos, sem exceção, é o caráter e a qualidade do problema – junto obviamente com a ousadia e a originalidade da solução sugerida – que determinam o valor ou o desvalor de um feito científico. O ponto de partida é, sempre, portanto, o problema (...) [partindo] da observação criadora de problema⁴⁰.

Note-se a relação direta entre um saber (comunicacional) e outro (metodológico); portanto, vale reconsiderar que não caminham atomisticamente. Porém, a discussão do conceito de metodologia (interesse deste trabalho) é entendida sob controversas dentro da área e inserida no contexto do consensual porque não aparece como um problema; então, “para que pesquisar sobre tal assunto se já ‘todo mundo’ sabe o que é metodologia?”

Entretanto, como avançar no saber metodológico se não se pesquisa sobre ele e não se entende o que é?

Concluindo este percurso, recupero que o consenso do lugar-comum não permite problematizar, porque a própria resposta fixa a crença e não dá passo à dúvida. Para entender melhor a inquietação, o uma provocação *peirceana*,

Quando uma avestruz enterra a cabeça na areia assim que um perigo se aproxima, muito provavelmente toma a decisão mais feliz. Esconde o perigo e depois calmamente diz que o perigo não existe; e se se sente perfeitamente segura de que não existe nenhum perigo, para quê levantar a cabeça para ver? Um homem pode atravessar a vida, sistematicamente mantendo fora do seu campo de visão tudo o que poderia causar uma mudança nas suas opiniões, (...) Ele não se propõe ser racional, e, na verdade, falará frequentemente com desprezo da razão fraca e ilusória do homem. ⁴¹

³⁸ MARTINO, Luiz C. – De Qual Comunicação Estamos Falando? p.11.

³⁹ LOPES, M.I. V. – **Pesquisa em comunicação**. p.101. [Destakes da autora]

⁴⁰ POPPER, K.R. – A lógica das ciências sociais. p.95.

⁴¹ PEIRCE, C.S. – **A fixação da Crença**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.pdf>



Referências bibliográficas

- BACHELARD, G. – **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- DA MATTA, Roberto. **Relativizando**. Uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DEMO, P. – **Princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1990. p.24.
- FABRI, Paolo. **O giro semiótico**. Espanha: Gedisa, 1998.
- FUENTES NAVARRO, Raúl. – La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la Comunicación. In: LOPES, Maria Immacolata V. (Org) – **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. p.15-40.
- GOODE, W. J. e HATT, P. K. – **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Ed. Nacional, 1989.
- LOPES, Maria Immacolata V. de – **Pesquisa em comunicação**. SP: Loyola, 2001.
- LOPES, Maria Immacolata V. de – **Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas**. In: Revista Brasileira de ciências da comunicação. São Paulo – Vol. XXVII, nº1, janeiro/junho – 2004. p.13-39.
- MALDONADO, E. – **Percursos metodológicos de Jesús Martín-barbero**. In: Revista Fronteiras – Estudos midiáticos. Vol. III, Nº1 - junho; São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- MARTINO, L. C. – As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata V. (Org) – **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. p.69-101.
- MARTINO, L.C. – **Teorias da Comunicação: O Estado da Arte no Universo de Língua Espanhola**. Texto apresentado no NP – Teorias da Comunicação; INTERCOM 2006 – Universidade de Brasília (UnB). [Versão digital]
- MARTINO, Luiz C. – De Qual Comunicação Estamos Falando? In: A. Hohlfeldt; L. Martino; V.França (orgs.) – **Teorias da Comunicação**. Vozes. Petrópolis, 2001. p.11-25.
- NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa social. Introdução às suas técnicas**. SP: Nacional e USP, 1968.
- OTERO, Edison. B. – **El ‘estado del arte’ en teoría de la comunicación: un ejercicio khuniano**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.29, n.I, p.57-83, jan./jun. 2006. [p.61; 73]
- PEIRCE, C.S. – **A fixação da Crença**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.pdf>
- POPPER, K.R. – A lógica das ciências sociais. In: **Em busca de um mundo melhor**. SP: Martins Fontes, 2006. p.92-115.
- RUSSI DUARTE, Pedro. – **A dinâmica da pesquisa como processos e interações comunicacionais... reflexões**. Revista de Comunicação da Universidade de Caxias do Sul – v. 4, n. 8, jul./dez. 2005, p.69-80.
- RUSSI DUARTE, Pedro. – **O lugar do pesquisador, processos epistemológicos**. Revista de Estudos da Comunicação. Curitiba: Champagnat. Revista da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – v. 4, n. 8, jul./dez. 2003, p.33-43.
- SANTAELLA, L. – **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2001.
- SANTAELLA, L. – **A assinatura das coisas. Peirce e a literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- SEMPRINI, A. **Multiculturalismo**. São Paulo: Edusc, 1999.
- WEBER, M. – A ciência como vocação. In: **Ciência e política. Duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2002.